

# ANTROPOLOGIA PORTUGUESA



Neste número

*Informação Bibliográfica*  
*Trabalhos publicados*  
*em 1991*

Vol.9/10  
1991-1992

---

INSTITUTO DE ANTROPOLOGIA  
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

## Origem da Sociabilidade e da Cultura Humana

**Brunetto Chiarelli**

*Instituto de Antropologia da Universidade de Coimbra, 1991*

A actual divisão entre ciências biológicas e sociais teve a infeliz consequência de implicar uma separação nítida entre os aspectos biológicos e sociais do comportamento humano. Durante muitos anos as duas perspectivas não fizeram senão afastar-se, dificultando qualquer forma de diálogo. Recentemente houve indícios de finalmente ser possível uma ponte entre as duas perspectivas, através de uma integração hierárquica e dinâmica dos aspectos biológicos e sociais do comportamento (Hinde, 1987; Mota, 1989).

Nesta obra agora editada em português, pelo Instituto de Antropologia da Universidade de Coimbra, é-nos proposto analisar um dos aspectos mais interessantes e controversos das ciências do homem: a evolução do comportamento da nossa espécie.

A problemática centra-se em torno da questão de saber o que pode a biologia comportamental contribuir para o entendimento do nosso comportamento; se há comportamentos determinados geneticamente e o que pode isso significar; que comportamentos são ou foram adaptativos e em que medida as sucessivas alterações do modo de viver dos diversos grupos humanos colidem com o que a selecção natural terá optimizado durante o processo evolutivo, como resposta a pressões selectivas a que já não estamos sujeitos (com muito poucas excepções). Este é um assunto delicado e sensível dada a facilidade com que as conclusões são transpostas para esferas sociais e políticas, acrescido do peso que a noção de cientificidade pretensamente conferiria a essas transposições. Note-se, por exemplo, que a grande polémica em torno da sociobiologia, durante o final da década de 70 e no princípio da de 80 em Portugal, que foi mais política do que científica, teve como base principal o capítulo da obra de E.O. Wilson (1975) dedicado ao comportamento humano. O próprio Prof. Sacarrão (1981) admitiu que as teorias sociobiológicas tinham bastante de válido relativamente aos outros animais, mas não eram aplicáveis ao Homem. Tratando-se de uma invasão das ciências biológicas num campo tradicionalmente das

ciências sociais, a contribuição de Wilson, que mais tarde veio a rever (Lumsden e Wilson, 1987), serviu principalmente para acirrar uma certa forma de xenofobia científica, prejudicando a cooperação de domínios científicos diversos mas coincidentes no objecto de estudo.

A proposta deste livro consiste numa abordagem da questão estabelecendo uma associação entre a etologia e a antropologia. Dado o número muito limitado de obras publicadas entre nós, agrupando conhecimentos da etologia, paleontologia, primatologia comparada e da antropologia, é de saudar vivamente a sua publicação. A obra tem inegáveis méritos ao coligar uma grande massa de informação oriunda de áreas científicas que raramente contactaram entre si no passado, o que enriquece bastante a proposta do autor.

No entanto, o Prof. Chiarelli acaba por incorrer em alguns erros que, a meu ver, juntamente com certos aspectos que estiveram na génese da obra, comprometem os seus objectivos.

Como o próprio autor reconhece na nota prévia, há uma notória falta de ligação entre as várias partes do texto, em resultado da forma como o livro foi elaborado: a partir das lições ministradas em seminários pelo autor. Penso, ao contrário do que ele afirma, que a exposição nunca está livre de pré-conceitos e de um posicionamento de base. Não é possível nem tem grande interesse proceder exclusivamente a uma descrição de dados empíricos. É a perspectiva teórica que lhes traz a unidade. Assim, muitos capítulos são excessivamente descritivos sem uma unidade teórica que, do meu ponto de vista é fundamental para dar coerência aos dados apresentados.

Uma outra deficiência, que deriva da forma como o texto foi elaborado, é o reduzido número de referências bibliográficas e a não indicação das fontes, bem como a economia de exposição de argumentos alternativos para muitas questões controversas que o livro aborda, como evolução da socialidade, sistemas reprodutivos dos homínídeos, territorialidade, etapas da hominização, postura de cópula, dimorfismo sexual. Por vezes são avançadas as observações de investigadores mas não as suas ideias e interpretações. Noutros casos refere o autor sem indicar que referência procurar (e a bibliografia final não cobre a maior parte das referências implícitas). Por vezes não se sabe se as ideias expostas são elaboradas pelo autor ou foram avançadas por outrem. Esta circunstância prejudica a cientificidade do texto e a discussão sobre as questões levantadas. Não me parece uma forma adequada de expor um assunto em que há ainda tanto por esclarecer e em que as opiniões diferem tanto. São ainda deixadas de fora referências importantes aos trabalhos de Robert Hinde, Clutton-Brock e Harvey, Richard Alexander, Washburn e De Vore, para mencionar alguns.

Referir-me-ei ainda a alguns pontos de vista do autor de que discordo.

No capítulo dedicado à agressividade faz uma correcta exposição da perspectiva da etologia, de que a agressividade não é necessariamente uma forma aberrante e anormal de comportamento, mas faz parte do equipamento comportamental que permite a cada organismo adaptar-se e interagir com o seu meio. Neste sentido todos os animais são agressivos. Mas o autor cai num erro, que foi relativamente

comum e que sustenta erradamente que os caçadores, por o serem, são mais agressivos do que os herbívoros. A caça e as disputas inter-individuais são controladas por processos motivacionais e fisiológicos distintos, dando origem também a comportamentos que podem não ser coincidentes. Um veado usa os esgalhos nas disputas intra-específicas e os cascos na defesa contra predadores. Quando muito, os caçadores estão providos de armas mais perigosas e letais. Mas isso é mesmo uma razão para a evolução de mecanismos capazes de reduzir a intensidade dos conflitos. Há mais conflitos agressivos entre ratinhos do que entre leões. No entanto, esse preconceito errado foi milhares de vezes invocado para justificar a origem da violência e da brutalidade na nossa espécie.

O autor afirma que a organização social dos chimpanzés é muito semelhante à dos Australopitécíneos. O modelo de sociedade daqueles é um dos que tem sido invocado como aplicável à evolução dos homínídeos, mas não é o único. Além disso, os dados fósseis existentes não fornecem indícios que permitam ter uma ideia sobre o tipo de organização social que teriam os primeiros homínídeos, o que transforma aquela numa afirmação gratuita.

Refere como hipótese mais plausível para a invulgar posição de cópula ventro-ventral na nossa espécie a de que seria vantajosa para os machos por poderem forçar a fêmea ao coito. Smith (1984) apresenta uma hipótese mais plausível, sugerindo que esta posição é mais vantajosa para a fêmea do que para o macho: é uma posição em que a fêmea consegue mais prazer, enquanto que, para o macho, dificulta a colocação e progressão dos espermatozóides diminuindo as probabilidades de fertilização. Não parece aliás que os machos se encontrassem em condições ou tivessem vantagem em forçar a cópula com o seu par. Nos chimpanzés pigmeus, em que esta posição é a mais comum, os machos oferecem presentes às fêmeas antes de copularem.

No final o autor resvala para um positivismo ultrapassado ao propor que os conhecimentos científicos devem estar na base das relações entre os indivíduos. Os cientistas não pretendem hoje esse papel para a ciência, nem desejam que a sociedade espere deles a definição de regras que transcendem a esfera da ciência. As relações entre os indivíduos assentam, entre outros, em princípios éticos e morais que podem ser mais ou menos bem aceites, mas nunca sob o argumento de que uns são cientificamente mais correctos do que outros.

Apesar das críticas formuladas, a obra tem um inegável interesse. Apresenta uma vasta informação e ajuda a construir um quadro da evolução do comportamento da nossa espécie através de uma etologia comparada dos primatas e da conjugação de dados da antropologia e da etologia, além de contribuir para lançar no terreno a discussão em torno da importância de uma abordagem evolutiva sobre o comportamento da nossa espécie. O índice sistemático no final é uma boa fonte de informação sobre os hábitos de vida e os comportamentos das várias famílias de primatas.

Apenas uma referência para a má tradução que dificulta a leitura, pela falta de fluidez na construção das frases e um português deficiente e pela presença persistente de diversos erros de tradução. Apenas dois exemplos: 'hipótese' conjugada na forma verbal 'hipotizar' e 'aptidão' inesperadamente convertida em 'idoneidade'.

**Referências**

- Hinde, R.A. 1987. *Individuals, Relationships and Culture*. Cambridge, Cambridge University Press.
- Lumsden, C.; Wilson, E.O. 1987. *O fogo de Prometeu*. Lisboa, Gradiva, 1987.
- Mota, P.G. 1989. Modelos biológicos de evolução cultural. *Análise Psicológica*, Série VII, nº4. nº4.
- Sacarrão, G.F. 1981. *A Biologia do Egoísmo*. Lisboa, Publicações Europa-América.
- Smith, R.L. 1984. *Human Sperm Competition*. In Smith, R.L. (Ed.). *Sperm competition and the evolution of animal mating systems*. London, Academic Press.
- Wilson, E.O. 1975. *Sociobiology: The new Synthesis*. Harvard University Press, Cambridge M.A.

Paulo Gama Mota  
Departamento de Antropologia  
da Universidade de Coimbra